

O Cristo da História ou o Cristo da Experiência?

Garrett P. Johnson

“Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas” (2 Timóteo 4:3, 4).

No quarto capítulo de 2 Timóteo, o apóstolo Paulo explicitamente ordena o jovem ministro a pregar e ensinar a palavra de Deus em todos os tempos. Timóteo deve pregar, reprovar e repreender de acordo com a “sã doutrina” das “sagradas letras” que ele conhecia desde a infância. O apóstolo adverte Timóteo contra os falsos mestres e os impostores ímpios que se apartariam da sã doutrina da Escritura e a substituiriam por mentiras e fábulas. No versículo 5, Timóteo é ordenado a permanecer firme, a ser sóbrio e cumprir a sua obra como um evangelista. Nos versículos 2-5, o ponto importante de se observar é que Paulo define evangelismo como a apresentação da “palavra”, “verdade” ou “sã doutrina” de Deus. Por conseguinte, qualquer ministro que adiciona ou subtrai algo da sã doutrina da Escritura, não pode reivindicar o título bíblico de um evangelista. Paulo usa o termo “palavra”, “verdade” e “sã doutrina” de maneira sinônima. O evangelismo apostólico claramente significa a exposição da doutrina como o fundamento da vida. A verdade bíblica sempre vinha antes e era o fundamento da conduta humana. O evangelista fiel ensina principalmente *o que* o homem deve crer com respeito a Deus como o fundamento do dever que Deus requer do homem. A crença ou a fé em Deus é mentalmente fixada sobre a doutrina bíblica objetiva ou as verdades proposicionais da revelação escrita.

No século vinte, o Cristianismo tem virtualmente rejeitado a idéia escriturística da doutrina bíblica como o fundamento da vida. Devido à influência do modernismo do século dezenove de Schleiermacher, e à neo-ortodoxia contemporânea de Karl Barth, cristãos modernos têm substituído a revelação escrita e a sã doutrina pela experiência humana. Nas palavras do falecido J. Gresham Machen:

Hoje a ordem é comumente invertida. A vida vem primeiro, é nos dito, e a doutrina vem depois. A religião é primeiro uma experiência e somente de uma maneira secundária uma doutrina. A doutrina é meramente uma expressão da experiência religiosa... a expressão

Monergismo.com – “Ao Senhor pertence a salvação” (Jonas 2:9)

www.monergismo.com

doutrinária deve mudar a medida que as gerações passam (*The Christian Faith in the Modern World*).

Essa atitude comum é simplesmente a negação da verdade absoluta de Deus. Ela procura estabelecer a experiência humana como o fundamento da “verdade” relativa no lugar da palavra de Deus como o fundamento da verdade eterna e absoluta. Isso é humanismo, ou a reivindicação inata e maligna do homem de ser o seu próprio deus sobre o Deus da verdade eterna.

Consequentemente, o Cristianismo moderno tem adotado um conceito humanista e antropocêntrico de evangelismo. Um exemplo típico é encontrado na edição de 28 de fevereiro de 1979 do *The Presbyterian Journal*, uma revista que procura “promover uma reforma crescente na Igreja de Deus de acordo com todo o conselho de Deus conhecido como a fé reformada;...”. O artigo é intitulado “Contatos Imediatos do Tipo Divino” [*Close Encounters of the God Kind*], do Sr. Leighton Ford, um evangelista associado da Associação Evangélica Billy Graham. De acordo com o Sr. Ford, o objetivo essencial para o homem é ter um “encontro íntimo com o Deus vivo e verdadeiro”. A natureza desse encontro é uma experiência ou “encontro” humano com Jesus. O Sr. Ford compara um encontro com Jesus a um encontro com um ser extraterrestre no filme “Contatos Imediatos de Terceiro Grau” [*Close Encounters of the Third Kind*].

Mas um contato imediato de terceiro grau é uma experiência pessoal, de primeira mão, com um UFO. Você já pensou alguma vez que o Cristianismo envolve um contato imediato do tipo divino? O Cristianismo envolve um encontro pessoal e imediato com o Deus vivo e verdadeiro.

Mais tarde, Ford continua para clarificar sua definição da experiência de encontro citando o *United Methodist Reporter*:

E então chega o dia quando experimentamos a amizade do Mestre naquele encontro pessoal maravilhoso que chamamos de “conversão”. E dessa maneira chegamos a participar da experiência mais completa e jubilosa da vida: unimos-nos à companhia jubilosa daqueles que conhecem a emoção dos contatos imediatos do terceiro grau!

Machen já foi citado anteriormente para se verificar a tendência do evangelismo moderno de reverter a ordem bíblica da doutrina antes da vida. Hoje a experiência entusiasta e vital da vida sempre deve preceder a doutrina cristã seca. Essa idéia anti-escriturística aparece durante todo o artigo de Ford.

Conhecer a Deus envolve um encontro íntimo. Significa muito mais do que crer num poder distante. Significa muito mais do que conhecer sobre Deus. É um encontro que transforma a vida.

Podemos observar novamente que Ford enfatiza e define uma relação pessoal com Deus como um encontro ou experiência transformadora na vida de um homem. Certamente, é bíblicamente verdadeiro que uma relação pessoal com Deus é uma experiência na vida de um homem, embora seja extremamente duvidável que a regeneração seja alguma vez experimentada conscientemente. Contudo, o Sr. Ford vai além da Escritura ao afirmar essa relação ou experiência transformadora como mais importante do que simplesmente viver ou conhecer a Deus pela doutrina teológica. A questão agora é qual autoridade legítima a fé, a palavra de Deus ou uma “experiência transformadora”.

O Sr. Ford diz que *conhecer* a Deus significa “mais que estar vivo”; o “mais” deve ser um “encontro íntimo” ou uma experiência religiosa. Agora, alguém pode se admirar como o Sr. Ford pode, sem nenhuma vergonha, reivindicar o título bíblico de um evangelista adicionando requerimentos não-escriturísticos à doutrina de Paulo da fé somente. Como o Sr. Ford pode afirmar audazmente algo *mais* que a fé, ou talvez mais além dela, quando Paulo e Silas ordenam ao carcereiro arrependido: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo...”? O apóstolo João requereu algo *mais* do que a fé quando ele disse: “Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si, o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do seu Filho. E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho” (1 João 5:10—11)?. Para João, o dom da vida eterna era recebido através do assentimento intelectual à palavra objetiva e histórica. O apóstolo claramente coloca o dom da vida eterna no Filho (*Logos*, Palavra ou Razão de Deus). “Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus” (1 João 5:13) Podemos ver claramente agora que toda garantia da fé ou crença em Cristo descansa completamente no poder de Deus em sua revelação escrita.

Em contraste com o ensino de João, a doutrina da fé do Sr. Ford vai muito além do assentimento mental às doutrinas ou palavras de Cristo: “Mas Jesus Cristo é mais do que uma história antiga. A vida começa quando você descobre as dimensões de uma relação presente e pessoal [experiência humana] com ele como Salvador e Senhor”. Aqui Ford deprecia a história e explicitamente coloca a significância da experiência humana acima da *autoridade* da revelação escrita. Mas Cristo não afirmou fortemente: “as *palavras* que eu vos tenho dito são espírito e são vida” (João 6:63)? É de grande importância para os cristãos perceberem que Cristo sempre identificou a autoridade divina de suas palavras faladas com a autoridade das palavras escritas do Antigo Testamento. Em João 5:47, os fariseus, como Leighton Ford, também menosprezaram a “história antiga” da palavra escrita de Moisés.

O brilhante teólogo e ministro calvinista, Dr. Gordon H. Clark, fez uma exegese cuidadosa de João 5:47:

... João 5:47 é uma das referências mais importantes sobre a autoridade das palavras, tanto escritas como faladas. Após curar o homem coxo no tanque de Betesda, mandando-lhe levantar e andar, e no clímax da confrontação subsequente com os fariseus, Jesus (com voz firme e espantosa) exclama: “Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai; quem vos acusa é Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança! Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito. Se, porém, não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras?”.

Aqui Moisés aparece como um acusador, naturalmente um acusador legítimo com uma acusação legítima — tanto que o próprio Cristo não precisou acusar os fariseus incrédulos. Eles tinham recusado crer no que Moisés tinha escrito. Certamente, Moisés tinha escrito palavras num pergaminho. Essas palavras recebem a plena aprovação de Cristo. Assim, Cristo atribui às palavras escritas de Moisés a plena autoridade divina da verdade. Porque os fariseus não criam nas palavras escritas de Moisés, eles não podiam crer nas palavras faladas de Cristo. Essas palavras, essas *rheemata*, são (em parte): “assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer.... o Pai confiou ao Filho todo julgamento, a fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai.... Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra [*logos*] e crê naquele que me enviou tem a vida eterna” (João 5:21-24). Nesses primeiros versículos a mensagem de Cristo é um *logos*; no final do capítulo, essa mesma mensagem é chamada de *rheemata*. *Logos* e *rheema* designam a mesma coisa (*The Johannine Logos*).

Temos observado que os fariseus afirmavam a autoridade “viva” deles sobre as palavras escritas de Moisés, o que lhes impedia de crer nas palavras faladas de Cristo. O menosprezo de Leighton Ford da “história antiga” lhe impede de crer na Palavra escrita?

Em conclusão, devemos perguntar que tipo de Cristo Leighton Ford nos oferece. É o Cristo da “história antiga” relatada na Bíblia, ou é o falso Cristo da experiência emocional? “Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus [o Jesus histórico] não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo” (1 John 4:2, 3).

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
felipe@monergismo.com
 Cuiabá-MT, 23 de Setembro de 2005